

EXPERIÊNCIA DE TRABALHO COLABORATIVO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Jeyse Anny Bezerra de Oliveira ¹
Socorro Barros de Aquino ²

RESUMO

O debate acerca da inclusão escolar é recorrente em nosso país, principalmente pelo aumento de estudantes com deficiência matriculados nas escolas regulares, o que requer dos professores práticas pedagógicas diversas para oportunizar a aprendizagem dos estudantes. Esta pesquisa se propõe analisar e descrever o trabalho colaborativo das/os professoras/es regulares, de biblioteca e do Atendimento Educacional Especializado (AEE), na Escola Municipal Engenho do Meio, da rede de ensino de Recife, visando apontar que, na organização do trabalho pedagógico, é possível encontrar estratégias metodológicas diversas, no intuito de incluir o estudante com deficiência, por meio da participação ativa, durante o ensino remoto emergencial ofertado em pleno isolamento social, provocado pela pandemia de COVID-19. A experiência foi desenvolvida em 2020 e 2021, quando a equipe escolar reunia-se mediante a video chamadas semanais para construir coletivamente os projetos desenvolvidos junto às turmas da Educação de Jovens e Adultos e para planejar as adaptações que seriam realizadas visando garantir a participação de todos de forma autônoma, dentro dos princípios da equidade e do Desenho Universal da Aprendizagem. Os estudantes participaram principalmente através do *WhatsApp*, sendo necessário envolver as famílias e utilizar estratégias de acessibilidade aos conteúdos em diversos momentos, como vídeos legendados, com tradução em Língua Brasileira de Sinais, além de atividades adaptadas ao perfil de aprendizagem, independente do estudante apresentar ou não deficiência. Percebe-se que esta ação coletiva, envolvendo todos os professores, coordenação e gestão escolar, com foco no ensino colaborativo e na troca de saberes entre os pares, contribuiu com o crescimento para todos, constituindo-se como um caminho para a efetivação de uma proposta de educação verdadeiramente inclusiva, oportunizando a quebra de barreiras atitudinais e metodológicas, desconstruindo estereótipos e encorajando outros professores, famílias e sociedade, em geral, a fortalecer este movimento social e político que se chama inclusão escolar.

Palavras-chave: Ensino colaborativo, Educação Inclusiva, Ensino remoto, Atendimento Educacional Especializado, Mediação de leitura.

INTRODUÇÃO

Este estudo se propõe a analisar o trabalho colaborativo das/os professoras/es de biblioteca e de sala regular, com as professoras do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Escola Municipal Engenho do Meio, da rede de ensino de Recife. Acreditamos que, na organização do trabalho pedagógico, é possível encontrar estratégias metodológicas diversas, com o intuito de incluir o estudante com deficiência no ensino remoto emergencial, anunciado como uma estratégia para manter o período letivo, durante a pandemia de COVID-19. Este movimento de oferta do ensino remoto expressou a tensão da

¹ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva - PROFEI da Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte - PE, jeyse.annybezerra@upe.br;

² Mestre pelo Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pernambuco - PE, sbarrosdeaquino@gmail.com;

manutenção de uma certa situação de normalidade e da falta de políticas públicas para disponibilizar recursos de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, que viabilizassem, por sua vez, o acesso dos estudantes aos conteúdos e sua participação efetiva. Desta maneira, faz-se necessário repensar a prática e incorporar novas tecnologias para aperfeiçoar o processo educacional de todos os estudantes. Contudo, a equipe da Escola Municipal Engenho do Meio se reuniu e traçou estratégias para favorecer o trabalho colaborativo e viabilizar a troca de conhecimentos entre os professores do Atendimento Educacional Especializado, professores regulares, professoras de biblioteca e de Educação Física, profissionais de apoio à Educação Inclusiva, coordenação pedagógica e gestão escolar.

A vivência aqui apresentada teve como objetivo geral analisar uma experiência de ensino colaborativo, com foco no planejamento coletivo para atender às especificidades de todos os estudantes matriculados na Escola Municipal Engenho do Meio, durante o ensino remoto vivenciado na pandemia do Coronavírus. Os objetivos específicos foram: promover reuniões de planejamento semanal com toda equipe; refletir sobre as especificidades de cada turma e elaborar uma organização de grupos de estudantes, de acordo com cada perfil de aprendizagem (independente de apresentar, ou não, deficiência); realizar adaptações de atividades de forma colaborativa entre professor regente, professor de biblioteca e professoras do Atendimento Educacional Especializado; discutir coletivamente sobre as atividades elaboradas e avaliar como foi a participação dos estudantes nas propostas realizadas.

O trabalho coletivo foi indispensável para estruturar uma prática pedagógica inclusiva diante dos enormes desafios impostos pelo grande quantitativo de estudantes com deficiência ou transtorno matriculados em sala regular, e também pela própria heterogeneidade das turmas, o que demandava dos professores estratégias pedagógicas diversas e uma variedade de atividades para contemplar as especificidades pedagógicas de todos. Paralelamente, professores, estudantes e famílias aprendiam a trabalhar de forma remota e usar diferentes recursos de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no início da pandemia de COVID-19.

METODOLOGIA

O estudo aqui apresentado corresponde a um relato de experiência de ensino colaborativo, vivenciado pelas professoras do Atendimento Educacional Especializado e toda

equipe pedagógica da Escola Municipal Engenho do Meio, durante a pandemia de COVID-19, nos anos de 2020 e 2021. Para o desenvolvimento desta experiência, o ensino remoto ofertado aos estudantes ocorreu, principalmente, através do aplicativo *WhatsApp*, no qual foram realizadas ações colaborativas em algumas etapas.

No primeiro momento, as turmas foram organizadas em grupos de *WhatsApp*, por meio do qual cada grupo correspondia a uma sala de aula virtual. A partir de então, a equipe se mobilizou para planejar, de forma conjunta, as ações e projetos que iriam vivenciar, sendo definido que as propostas seriam sempre discutidas em reuniões semanais com toda equipe, via *Google Meet*. Este processo foi vivenciado por todas as turmas da escola, mas este relato se deterá à experiência vivenciada na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Partindo para o segundo momento, a equipe definiu que as professoras do Atendimento Educacional Especializado e a professora da biblioteca iriam participar dos grupos de todas as turmas, a fim de acompanhar o desenvolvimento das propostas junto aos estudantes, de forma colaborativa com os professores regentes.

No terceiro momento, a equipe profissional organizou a turma em subgrupos, a partir do perfil pedagógico apresentado e das especificidades quanto à aprendizagem – apresentando ou não deficiência –, para garantir a participação de todos no projeto vivenciado. Já na quarta etapa, a equipe se dedica a realizar adaptações de atividades de forma colaborativa entre professor regente, professor de biblioteca e professoras do Atendimento Educacional Especializado, por meio de sub reuniões no *Meet* ou de articulações por *e-mail*, *Google Drive* ou *WhatsApp*, para elaborar as atividades semanais de forma colaborativa.

No quinto momento, a equipe reunida apresentava as atividades elaboradas durante a semana, para que todos tivessem conhecimento das estratégias utilizadas nas adaptações, que eram discutidas coletivamente, além de ser avaliado como foi a participação dos estudantes nas propostas já realizadas, dinâmica esta que foi adotada durante todo o período de ensino remoto, vivenciado em 2020 e 2021.

REFERENCIAL TEÓRICO

O debate acerca da inclusão escolar é assunto recorrente em nosso país, principalmente devido ao aumento de estudantes com deficiência matriculados nas escolas regulares. Porém, é notório que faltam indicadores para monitorar o processo, uma vez que, tomando como exemplo a escola analisada no presente trabalho, observa-se que há um

número considerável de estudantes com algum tipo de deficiência matriculados na Educação de Jovens e Adultos, apresentando turmas que chegam a ter 50% dos estudantes com algum tipo de deficiência. Acreditamos que, nesse sentido, faltam aspectos básicos para garantir, não apenas o acesso, mas a permanência e o aprendizado desses estudantes público-alvo da Educação Especial na perspectiva inclusiva.

A educação inclusiva tornou-se um dos focos da política educacional vigente, motivada pelos movimentos sociais e tendo como proposta a equiparação de oportunidades para as pessoas até então excluídas socialmente (Mendes, 2002). Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (Brasil, 1996), bem como no Plano Nacional de Educação (PNE)/01, e no Plano Municipal de Educação PME (Lei 18.147/2015 - Meta 4) é previsto que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) deve ocorrer, preferencialmente, na rede regular de ensino. As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Brasil, 2001), com destaque os artigos 3º, 8º e 12, enfatizam que os alunos com necessidades educacionais especiais deveriam ser educados de preferência nas classes comuns das escolas regulares. Nesse sentido, para efetivar essa proposição, se faz caro o investimento em estratégias pedagógicas colaborativas.

Para falar em estratégia pedagógica colaborativa, tomamos como base os apontamentos de Thousand e Villa (1989), que propuseram duas características para uma escola se tornar inclusiva: gastar tempo e energia formando a equipe escolar e capacitar equipes educacionais para tomar decisões de forma colaborativa. Conderman, Bresnahan e Pedersen (2009) também apontam que, para efetivarmos um ensino colaborativo, faz-se necessário discutir, na escola: questões relacionadas ao tempo de planejamento em comum entre o professor de educação especial e o professor da sala regular; sobre os conteúdos que devem ser incluídos no currículo; as adaptações curriculares; a distribuição de tarefas e responsabilidades; as formas de avaliação; as experiências em sala de aula; os procedimentos para organização da sala; as estratégias metodológicas adequadas a cada estudante ou grupo de estudantes; a comunicação com os estudantes, pais, coordenadores pedagógicos e gestores escolares; o acompanhamento do progresso de aprendizagem dos estudantes; as metas para o Plano Educacional Individualizado dos estudantes com deficiência.

Este trabalho colaborativo entre o professor do atendimento educacional especializado e os professores de sala regular tem muito a contribuir com o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes, assim como para o crescimento e fortalecimento profissional de cada professor, como destaca ainda Gutiérrez (2020):

Por lo anterior, debemos reconocer la importancia del trabajo colaborativo como una fuente de aprendizaje para cualquier docente. A través de éste, los profesores pueden compartir no solo experiencias exitosas, sino también aquellos procesos o ideas que no están resultando bien. El hecho de compartir esas experiencias y escuchar a otros, permite crecer profesionalmente y aunque en todas las áreas es importante, en la profesión docente es particularmente relevante pues estos procesos de trabajo en equipo, además de favorecer el desarrollo profesional, impacta de forma positiva los aprendizajes de los estudiantes (Arias, 2020, p. 9).

Seguindo essa trilha, Marin e Braun (2013) destacam a importância da definição dos papéis de cada profissional, visando o sucesso do ensino colaborativo, que podem assumir várias configurações, mas com o mesmo objetivo de fortalecer a educação inclusiva, podendo ser ilustrada com a seguinte forma de colaboração:

Assim, o professor regente da turma traz os saberes disciplinares, os conteúdos, o que prevê o currículo e o planejamento da escola, juntamente com os limites que enfrenta para ensinar o aluno com necessidade especial. O professor do ensino especial, por sua vez, contribui com propostas de adequação curricular, atentando para as possibilidades do estudante, considerando as situações de ensino propostas e as opções metodológicas, planejando estratégias e elaborando recursos adequados para a promoção de sua aprendizagem (Marin; Braun, 2013, p. 53).

O ensino colaborativo pode também acontecer como uma experiência de “coensino” ou “bidocência”, como Vilaronga e Mendes (2014) destacam:

O trabalho baseado no ensino colaborativo, também conhecido como coensino, entre professores de educação especial e da sala regular, faz parte da proposta de alguns países para a inclusão escolar de alunos com deficiência, sendo esta apontada como uma das mais relevantes. No Brasil, esse modelo não é conhecido e/ou realizado pela maioria dos municípios, sendo utilizado apenas em casos pontuais e experimentais (Vilaronga; Mendes, 2024, p. 142)

Sendo assim, não se pode esquecer da experiência de “coensino” vivenciada no município de São Carlos, em São Paulo, na qual dois professores atuam de forma colaborativa na mesma sala de aula, sendo um professor regente e o outro professor de apoio à educação inclusiva alinhando o trabalho desde o planejamento, passando pela elaboração das atividades, da até a intervenção conjunta em sala e a avaliação em equipe. Esta experiência, apesar de apontar a importância da realização de mais estudos sobre esta prática, já sinaliza potencialidades para a construção de um novo paradigma para a educação inclusiva, baseado no coensino e na formação docente (Vilaronga; Mendes, 2024, p.149).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É incontestável que a imposição do ensino remoto exigiu uma nova postura dos profissionais da educação e dos estudantes, fazendo emergir a fragilidade do acesso às

Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no âmbito educacional, o que, por sua vez, exigiu resiliência e novas aprendizagens para todos os envolvidos.

A Escola Municipal Engenho do Meio já demonstra, historicamente, seu compromisso com a educação dos estudantes público-alvo da Educação Especial na perspectiva inclusiva, desenvolvendo muitas ações visando o aperfeiçoamento da educação inclusiva. Porém, esta experiência de ensino colaborativo durante a pandemia possibilitou sistematizar as discussões e aproximou a equipe para amadurecer as adaptações planejadas e envolver os professores regulares quanto à execução das atividades planejadas, o que, em sala de aula presencial, nem sempre era possível, devido ao quantitativo de estudantes e por não dispor de um apoio para dar este suporte em sala.

As descrições das vivências das/dos professoras/es do Atendimento Educacional Especializado, da biblioteca e da sala regular, que participaram desse relato utilizando-se do ensino colaborativo e que olharam as suas práticas como professores-colaboradores, demonstram que a conquista pelo trabalho nessa proposta é um processo, um caminho que começa pela definição de papéis que cada profissional – de ensino regular e especial – desempenha em sala de aula.

Foi uma experiência riquíssima, na qual todos aprenderam e se fortaleceram para desenvolver um trabalho pedagógico inclusivo, apesar dos desafios diários enfrentados. A Educação de Jovens e Adultos em 2021 e 2022 apresentava um alto quantitativo de estudantes com diversas deficiências matriculados em cada turma, chegando a representar mais de 50% em uma turma específica, o que demandava a atuação de apoios em sala de aula regular e presencial, para dar suporte na realização das atividades pelos estudantes que faziam parte da heterogeneidade da turma em si. Quando iniciou o ensino remoto, todos se dedicaram a garantir a adaptação das atividades a serem disponibilizadas nos grupos do *WhatsApp*, bem como as orientações a quem daria o suporte em casa na realização das atividades, respeitando o perfil de cada estudante. Logo no início das propostas, os professores regulares foram surpreendidos com a necessidade de adaptar a maioria das atividades dispostas por meio de áudio, flexibilizando e permitindo a resposta oral, pois os estudantes sem deficiência/neurotípicos, que ainda estavam em processo de letramento, não dispunham de familiares que pudessem ler e explicar para eles as atividades.

É fundamental destacar que os relatos apontam para diferentes níveis de colaboração, com graus variados de interação e cooperação entre os profissionais da sala regular, do Atendimento Educacional Especializado, coordenação pedagógica e gestão escolar. A

experiência vivenciada somou forças, saberes e práticas em prol de um mesmo objetivo: realizar um trabalho colaborativo entre os pares, permitindo-se aprender com o outro e ensinar ao outro a partir de cada prática.

A escola inclusiva necessita de todos envolvidos nesta construção diária, por isso cabe destacarmos o papel essencial da gestão escolar, que nesta experiência de ensino remoto possibilitou formação continuada durante o serviço, para que a equipe aprendesse a utilizar os recursos de Tecnologia Digital da Informação e Comunicação (*WhatsApp, Google Meet, Google Drive*, como outros recursos do *Google* e editores de vídeo), enquanto a equipe do Atendimento Educacional Especializado trouxe informações e convidados para discutir sobre educação inclusiva para equipe escolar e famílias. Todos trabalhando juntos e fazendo jus ao processo de trabalho em equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do processo colaborativo no ensino aprendizagem tornou-se significativo, uma vez possibilitou ao professor o (re)planejamento, a adaptação/adequação das estratégias pedagógicas e a ressignificação de um espaço realmente colaborativo e reflexivo, criando assim uma prática coletiva, participativa, viva e cheia de significados e de ações voltadas para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva. A apresentação do presente relato de experiência, envolvendo o ensino colaborativo, indicou que a estratégia desenvolvida conjuntamente tem potencial para melhorar a qualidade do ensino regular. Assim, a proposta baseada no neste tipo de ensino parece-nos também ter promovido o desenvolvimento de habilidades dos docentes, no intuito de incluir o estudante com deficiência, mediante a participação ativa, durante o ensino remoto emergencial ofertado em pleno isolamento social, provocado pela pandemia do COVID-19. De forma geral, avaliamos que o ensino colaborativo gerou efeitos convenientes, principalmente com relação às práticas do educador de sala regular, na qual os estudantes com deficiências estão incluídos. Quanto às perspectivas de atuação em sala de aula, os resultados apontaram que é preciso difundir/discutir/adequar, nos contextos escolares, a real contribuição do ensino colaborativo, garantindo que os momentos vivenciados entre os diferentes profissionais do ensino regular, com auxílio das professoras do Atendimento Educacional Especializado, possam ser refletidos em práticas futuras. Portanto, a contribuição do ensino colaborativo caminha rumo ao pensamento pedagógico da inclusão escolar, pois permeia questões do cotidiano, do desempenho do professor regular e resgata atitudes que permitem a parceria e a colaboração

conjunta. Diante do exposto, a proposta de tal estratégia pedagógica é um caminho viável e gratificante, tornando todos os envolvidos construtores do seu próprio processo de ensino e aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Nossos sinceros agradecimentos aos colegas, que participaram intensamente deste processo tão rico, porém num momento tão delicado de nossas vidas; aos estudantes e familiares e à gestão escolar, por toda parceria construída com foco na construção de uma escola pública, inclusiva e de qualidade.

REFERÊNCIAS

- ARIAS, L. G. Trabajo colaborativo y codocencia: una aproximación a la inclusión educativa. **Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa**, [s.l.], v. 5, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/retepe/article/view/15321>. Acesso em: 20 set. 2023.
- BRASIL. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: www.planalto.com.br. Acesso em: 20 set. 2023.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer 17/2001, de 3 de julho de 2001. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: CNE, 2001.
- CONDERMAN, G.; BRESNAHAN, V.; PEDERSEN, T. **Purposeful co teaching: real cases and effective strategies**. California: Corwin Press: Thousand Oaks, 2009.
- MARIN, M.; BRAUN, P. Ensino colaborativo como prática de inclusão escolar. *In*: GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. (org.). **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 49-64. Disponível em: https://www.academia.edu/10000696/Estrat%C3%A9gias_educacionais_diferenciadas_para_alunos_com_necessidades_especiais. Acesso em: 22 set. 2023.
- MENDES, E. G. Perspectivas para a construção da escola inclusiva. *In*: PALHARES, M. S.; MARINS, S. **Escola inclusiva**. São Carlos: Edufscar, 2002. p. 61-86.
- RECIFE. Plano Municipal de Educação 2015-2025. **Lei N° 18.147/2015**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/2015/1814/18147/lei-ordinaria-n18147-2015-aprova-o-plano-municipal-de-educacao>. Acesso em: 24 set. 2023.
- THOUSAND, J. S.; VILLA, R. A. Enhancing success in heterogeneous schools. *In*: STAINBACK, S.; STAINBACK, W.; FOREST, M. **Educating all students in the mainstream of regular education**. Baltimore: Paul H Brookes, 1989. p. 89-104.
- VILARONGA, C. A. R.; MENDES, E. G. Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. **Revista brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 95, n. 239, p. 139-151, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/dBz3F9PJfswJXFzn3NNxTC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2023.